

BRASIL

UM PAÍS PARA SE ESQUECER ...

Adriana Capuano de Oliveira *

BRASILEIROS NO SUL DA FLÓRIDA

Antes mesmo da divulgação de um Brasil que reside em Miami/Estados Unidos através da novela "América", nos arredores de universidades e centros acadêmicos, estudos sobre esta mesma população já estavam sendo realizados através de pesquisadores diversos. O artigo que segue versa justamente sobre um destes estudos, realizado durante os anos de 2001 a 2004, quando eu, então aluna do doutorado da Unicamp, aventurei-me enquanto "imigrante" pela América.

O local de destino, coincidentemente, foi o mesmo da novela: Miami. Porém aqui, a pesquisa estendeu-se pelo que se chama de condado (em inglês, *county*), divisões político-administrativas inexistentes no Brasil, que dizem respeito a uma administração político regional maior que a do município e menor

que a do estado. A própria Miami, tal qual nós nos referimos aqui no Brasil, engloba na verdade um número variado de pequenas cidades que compõem juntas essa unidade administrativa norte-americana, o *county*, neste caso, chamado de Miami-Dade County. Uma outra localidade adjacente à Miami-Dade também tornou-se alvo de nossas investigações, sobretudo por reunir uma quantidade bastante

numerosa de brasileiros ali residentes, que acabaram por "extrapolar", digamos assim, os limites de Miami em si. Esta localidade refere-se ao *county* de Broward, onde se localizam as cidades de Fort Lauderdale e Pompano Beach, dentre as de maior destaque no Brasil. Portanto, estes dois *counties* formam os limites geográficos da pesquisa que é base para este artigo. É importante que se diga, contudo, que

Foto: Adriana Capuano

Restaurante brasileiro em Pompano Beach



no decorrer das próximas páginas, quando se fizer menção à “Miami”, na realidade estará se abordando esta região como um todo (salvo quando se abordar uma região específica por seu próprio nome). Muitas vezes também se dirá “Sul da Flórida”, referindo-se a este mesmo espaço.

Já em 1996, a Revista Veja publicava o então assombroso número de 100 mil brasileiros residentes em Miami, (e aqui referindo-se somente a esta cidade, sem contarmos as demais regiões) e 180 mil para a Flórida como um todo, incluindo cidades como Pompano Beach, Boca Raton, e cidades mais ao norte do estado, como é o caso de Orlando e Tampa (Veja, 1996). Números de população, quando se fala em brasileiros nos Estados Unidos, são sempre estimativas, pois devido à grande quantidade de imigrantes indocumentados, os dados que se apresentam são sempre projeções que tentam se aproximar da realidade. Contudo, passados dez anos dessa publicação que alertava para uma população significativa de brasileiros na Flórida, podemos estimar – de acordo com os demais mecanismos de averiguação de dados: censos, grupos de pesquisa e apoio ao imigrante no Brasil e nos Estados Unidos, governos, etc,... – que este contingente populacional no mínimo dobrou de volume.

Ao nos depararmos com o cotidiano da região estas estimativas são confirmadas. Durante meu período de pesquisa de campo, não houve um só dia em que eu não ouvisse alguém falando português nas ruas, e isso não em razão de minhas ligações com a comunidade, pois, na maioria das vezes, não eram nesses momentos (digo, na presença de brasileiros) que eu me “espantava” com a sonoridade do português em meio a diferentes ritmos de espanhol e inglês. Mesmo ao

caminhar nas ruas, o português é tranqüilamente ouvido em algum momento, especialmente no quadrilátero central de *downtown* Miami – local de ampla presença do comércio brasileiro – ou na orla marítima de Miami Beach. Em algumas regiões de Miami, a quantidade de brasileiros é muito grande, a exemplo do que ocorre também na cidade de Pompano Beach. Entretanto, quem são, afinal de contas, estes inúmeros brasileiros que adotaram Miami como porto de destino?

MUDANÇA DE RUMOS

Depois de quatro séculos de colonização recebendo pessoas dos mais distantes lugares aportando em terras brasileiras, e de um processo de industrialização baseado maciçamente em mão-de-obra imigrante, em substituição à nossa anterior mão-de-obra escrava (que também não deixa de ser imigrante); nos anos 80 do século XX, a jovem nação brasileira se depara com um quadro que até então não fazia parte dos dados históricos do país: a emigração – em números significativos o bastante para serem entendidos enquanto correntes migratórias – dos nativos desta terra rumo ao exterior.

A princípio, por caracterizarem um processo novo e até então desconhecido na sociedade brasileira, e principalmente por não possuírem ainda uma temporalidade que viabilizasse uma maior reflexão sobre a dinâmica destes fluxos, tais movimentos foram percebidos como impulsos acima de tudo temporários. Com o decorrer dos anos, entretanto, e principalmente com o desenvolvimento cada vez mais extenso e abrangente das redes sociais e de apoio a estas migrações, vários aspectos e posturas têm se modificado con-

sideravelmente dentro deste contexto. Passadas duas décadas desde o início desse processo, cada vez mais a emigração de brasileiros se compõe como um caminho sem volta, não só para os emigrantes em si, mas igualmente para a própria história brasileira. É preciso, pois, que se pense em novas relações sociais que estão sendo refeitas e re-elaboradas em diversos aspectos quanto a este quadro. É tocando em parte de alguns destes aspectos que iremos nos preocupar aqui, especificamente com a questão das expectativas temporais da emigração brasileira ao sul da Flórida.

De todos os dados sócio-demográficos que recolhi da população residente em Miami durante o período de 2001 a 2002, um dos mais relevantes, e que sem sombra de dúvidas se destacou entre minhas “descobertas”, foi o de respostas obtidas por esses imigrantes quanto às suas respectivas intenções de retorno à terra natal, e a própria imagem que faziam dessa terra, suporte aliás que dava sustentação aos seus anseios de vida em terra estrangeira.

Dentre diversas questões que foram colocadas à população pesquisada, uma em particular fazia menção aos planos de retorno dessas pessoas. As alternativas possíveis de serem assinaladas eram:

- 1) pretende voltar ao Brasil em breve (sendo esse “breve” o período de um a três anos);
- 2) pretende voltar ao Brasil algum dia, não sabe exatamente quando;
- 3) só voltará depois de conquistar seus objetivos nos Estados Unidos; e, finalmente,
- 4) não pretende mais voltar ao Brasil, sua vida agora é nos Estados Unidos.

Mediante pesquisas anteriores, e de acordo com dados divulgados pela mídia, a expectativa de resposta

correspondia a uma maioria de intenção de retorno, já que, como dito, a migração de nossos patrícios tem sido vista como algo temporário, de caráter urgencial, uma “fuga” temporária dos nossos problemas econômicos e sociais mais imediatos. Os dados recolhidos por mim naquela região, entretanto, revelaram um Brasil que não pensa mais em voltar, em grande parte das vezes. Do resultado obtido em campo: 38,3% do total de entrevistados afirma estar certo de que não pretende mais voltar ao Brasil, constituindo residência definitiva nos EUA; e 37,7% alega que pretende voltar algum dia para o Brasil, mas não sabe quando (vaga resposta que implica em grande possibilidade de tornar-se uma imigração permanente). Verifica-se, portanto, que a parte da população brasileira lá residente que afirma ter como meta a intenção de voltar (24,0% do total) é menor que a projetada até então. Indaga-se o porquê deste novo quadro de análises... A partir destes dados, tentou-se figurar qual modelo de Brasil está se formando entre esses brasileiros que residem no exterior – no caso aqui, sul da Flórida – e qual a imagem que o brasileiro faz de si mesmo, inclusive para uma segunda geração de “brazucas” que está se estabelecendo neste local.

ORGULHO DE SER BRASILEIRO?

A exemplo daquilo que Maxine Margolis chamou de “a ladainha de reclamações” (Margolis, 1994:310), com relação aos próprios brasileiros imigrantes em Nova York que se lamentavam de seus pares, faço uso aqui desta mesma sentença para expor a série de reclamações e queixas atribuídas pelos próprios brasileiros a seus conterrâneos, tanto os imigrantes

que como eles se encontram nos Estados Unidos, quanto aos brasileiros que permanecem no Brasil. Ao serem perguntados sobre as características do “ser brasileiro”, e mesmo sobre a questão do orgulho de possuir esta nacionalidade, embora muitos entrevistados tenham de fato colocado características tidas como muito positivas em relação ao fato do ser brasileiro no espaço destinado a este campo, a constatação desta pesquisa revela, muitas vezes, uma verdadeira ausência desses sentimentos, ao menos no discurso¹, e em lugar destes atributos positivos, prossegue-se uma verdadeira enxurrada de reclamações, insatisfações, indignação, revolta e ressentimento.

Certas atitudes com relação ao país natal revelaram não só um desapontamento com a economia do país, a política, corrupção, e demais problemas brasileiros que se sucedem em uma lista interminável, mas, para além disso, um ressentimento arraigado, um sentimento de profundo rancor, de amargura. Rancor e amargura que podem ser explicados em parte pela própria condição destas pessoas de “terem” que ter saído de seu país natal. Abandonar a própria pátria, o país onde se tem a família biológica, onde a pessoa nasceu e foi criada, não é uma tarefa que se processa de forma tranqüila na *psique* das pessoas. Resultado disto é a própria condição de muitas pessoas que afirmam pretender voltar para o Brasil algum dia, sabendo-se que este dia pode muito bem nunca chegar, mas elas não conseguem admitir para si próprias esta possibilidade e, como consequência, ficam adiando “este dia” indefinidamente. Em outra vertente, a concepção trabalhada nos Estados Unidos e reforçada pela própria imprensa brasileira no país de que o Brasil é um país absolutamente sem

jeito, sem saída, sem condições de vida, também faz parte de uma estratégia “anestésica” ao abandono da terra natal. Neste sentido, pinta-se um quadro bem mais feio que a realidade, na intenção de argumentos mais sólidos que justifiquem a saída do país natal, ou o não retorno ao mesmo (Sales, 1999). Boa parte desta conceituação de um país sem esperanças, em parte formulada e endossada pela chamada “imprensa brazuca”, foi reproduzida na fala de meus entrevistados, e em suas respostas aos questionários. Uma outra parte deste quadro reflete uma situação de profundo ressentimento que, no meu entender é reflexo, por um lado, do desejo do querer retornar e, por outro, da consciência de que esta possibilidade é cada vez mais remota, quer pelas condições do país, quer pelas perspectivas individuais de cada uma dessas pessoas.

Esta ambigüidade de sentimentos pôde ser verificada através das respostas dadas a perguntas tais como “você gosta do fato de ter nascido brasileiro?”. Os resultados obtidos a esta indagação revelam 91,0% das pessoas entrevistadas afirmando que sim, gostam do fato de ter nascido brasileiras, e 9,0% afirmando o contrário, que não gostam desse fato². Logo em seguida, ao serem questionados em relação aos motivos que os fizeram afirmar tal situação, as respostas são variadas e remetem a condições idealizadas quanto ao sentimento pátrio, que em seguida se tornam contraditórias. Aqueles que afirmam gostarem do fato de ter nascido brasileiro apontam como os principais motivos para isso simplesmente o fato de “gostar de ser brasileiro”, pelo Brasil em si (19,5%), e devido à própria cultura brasileira (8,9%). Sentimentos patrióticos também são revelados em afirmações tais como: “eu amo o meu país”



Foto: Adriana Capuano

(7,3%), “gosto do povo brasileiro” (7,3%), “gosto do Brasil, apesar de tantos problemas” (5,7%), “é o melhor país para se viver” (4,9%), e até mesmo a admiração aos símbolos nacionais (1,6%). Outras características que fazem parte destas justificativas remetem-se às características que os entrevistados se orgulham e/ou admiram no povo brasileiro: alegria do povo/festas/diversão, amizade/confiabilidade, capacidade de ser feliz mesmo na pobreza, versatilidade, capacidade de adaptação, calor humano, garra/luta/perseverança/coragem, liberdade, língua portuguesa, povo pacífico, união das raças, acolhedor, hospitaleiro, simpatia do brasileiro, etc... Há ainda um destaque especial pelo fator natureza, apontado por 5,7% das pessoas como a razão pela qual gostam de ter nascido brasileiro, e o fato de acharem que o Brasil é um país admirado por outros povos (0,8%).

Com relação àqueles que

assinaram que não gostam do fato de ter nascido brasileiro, as justificativas expostas para tal afirmação se concentram em: corrupção, desigualdade social, pobreza, desonestidade, falta de cultura/falta de educação, discriminação social, má administração do país, pelo fato do Brasil ser um país subdesenvolvido, desrespeito existente no país, nada em especial, apenas tem que se conformar com o fato de que nasceu no Brasil (como se isso fosse um castigo a ser cumprido – “não gosto, apenas aceito”).

Esta mesma questão, ao ser confrontada com uma outra pergunta feita aos entrevistados: “você se orgulha do fato de ser brasileiro?” revela certas contradições e ambigüidades. Ao afirmarem que sim, o orgulho de ser brasileiro está mais uma vez relacionado às características apontadas no item anterior, que são fatores de admiração do povo brasileiro, igualmente. Alegria do

povo/festas/diversão, amizade/confiabilidade do brasileiro, capacidade de ser feliz mesmo na pobreza, garra/luta/perseverança/coragem, otimismo, calor humano, sensibilidade, união das raças, etc... Além destas características que são as mesmas ou muito similares às características apontadas como fatores responsáveis por gostarem de ter nascido brasileiros, com relação ao sentimento de orgulho de ser brasileiro especificamente o destaque aqui envolve questões que se referem à natureza do Brasil: exuberante, farta,

esplêndida (11,9% do total de afirmações de orgulho); ao futebol (4,5%), à mulher brasileira / beleza da mulher brasileira (1,5%) e ao fato de no Brasil não haver guerras nem terremotos (0,7%).

Já, em relação aos fatores que são os motivos pelos quais estes mesmos brasileiros menos se orgulham de o serem (independente daqueles que assinalaram gostar do fato de ter nascido brasileiro ou não), a corrupção política *sozinha* abarca um total de 46,8%, o que vem a ser de fato um dado bastante elucidativo, visto que a resposta para este campo era aberta, ou seja, as pessoas podiam declarar textualmente o que quisessem, sem a indução de alternativas pré-estabelecidas. As demais razões apontadas como características do país da qual estas pessoas menos se orgulham estão em grande parte relacionadas a este item primeiro – a corrupção política. Seguem-se neste campo uma infinidade de reclamações

e de queixas, mas uma vez reiterando o que Margolis afirma ser a “ladainha das reclamações”: violência (10,8%), pobreza/desigualdade social (7,6%), desonestidade (3,2%), falta de patriotismo (3,2%), falta de cultura/falta de educação (2,5%), crises econômicas/falta de estabilidade (2,5%), má administração do país (2,5%); e demais apontamentos que não chegam a somar 2,5%, tais como: desunião dos brasileiros, falta de justiça, impunidade, malandragem, esteriótipo da mulher brasileira (interessante observar como isto é motivo de orgulho para alguns, e motivo de não orgulho – ou vergonha – para outros), ausência de direitos, falta de respeito ao cidadão, falta de oportunidades para a população, covardia/resignação (esta também, apontada por alguns como uma característica positiva, e por outros como negativa), sujeira, os brasileiros em Miami que são motivos de um “não orgulho”, notícias brasileiras veiculadas na televisão, desemprego, má fama dos brasileiros no exterior, ausência de políticas públicas, descaso com o povo, falta de segurança, prostituição infantil, decadência moral do país, mania de brasileiro de querer passar a perna nos outros, desvalorização do idoso, falta de seriedade, discriminação social, o fato de “brasileiro viver de aparências”, e houve até quem colocasse “programas como o Linha Direta” (já que grande parte da população brasileira residente nos EUA assiste assiduamente a Globo Internacional).

Vale destacar que estes aspectos negativos e a própria lista de reclamações às vezes são atitudes e características atribuídas ao contexto migracional, como se os brasileiros no Brasil fossem bons e amáveis, e os brasileiros nos Estados Unidos fossem frios e egoístas – muito disso às vezes

vem relacionado ainda a uma suposta aquisição de valores norte-americanos por parte destes brasileiros imigrantes que se deixaram “corromper” em sua bondade original, por assim dizer. A corrupção, por sua vez, é a grande exceção, que ocorre sobretudo em solo nacional, e é passível de um maior controle em território norte-americano, se bem que mesmo entre os brasileiros lá residentes esta seja uma prática comum, segundo os próprios entrevistados.

COMO ALEGRIA QUE NÃO TEM ONDE ENCOSTAR....

Verdades ou exagero de discursos, o que importa aqui é o sentimento “comum” de revolta e ressentimento com relação ao Brasil, o que eu afirmo, mais uma vez, ser algo quase como uma “fuga” ao fato de terem que encarar o abandono da terra natal, ou como bem descreveu um entrevistado, ao fato de não poder – *não ter o direito* – de viver em sua terra natal. Finalizando a abordagem que foi feita em relação a estas percepções de identidade nacional, ao final do questionário, foi solicitado que o entrevistado marcasse alguma das alternativas que indicavam frases capazes de caracterizar o Brasil (frases exageradas, por certo, sendo esta noção “esteriotipada” parte da intenção da pesquisadora). Como não poderia deixar de ser, dado às informações relatadas anteriormente, a frase mais assinalada em relação à característica mais apropriada para representar o Brasil (como se fosse a “identidade” do país) foi: “O Brasil é o país da corrupção”, com 35,8% das escolhas feitas pelos entrevistados. Em seguida, reiterando esta ambivalência de amor e ódio em relação ao país, a opção mais assinalada foi: “No Brasil não existem guerras e as pessoas vivem em harmo-

nia”. Veja na relação abaixo a listagem completa das opções assinaladas pelos entrevistados (no questionário era pedido que a pessoa assinalasse somente uma questão, a *mais* representativa):

35,8% - O Brasil é o país da corrupção;
13,9% - O Brasil é um país abençoado, lá não existem guerras, e as mais diversas pessoas vivem em harmonia, sem conflitos raciais;

12,1% - O Brasil é o melhor país do mundo para se viver, o povo é fraterno e harmonioso, muito solidário, alegre e hospitaleiro;

11,6% - No Brasil, mesmo trabalhando muito, as pessoas estão sempre na miséria;

9,2% - O Brasil é um país de natureza abençoada, mas tem um povinho horrível!;

5,2% - O Brasil é o país do futuro;

4,0% - No Brasil, existem muitas oportunidades, se você trabalhar bastante consegue subir de vida;

2,9% - O Brasil é o país do carnaval, ninguém leva nada a sério lá;

1,7% - O Brasil não tem jeito;

1,2% - O Brasil é um país pobre porque brasileiro não gosta de trabalhar;

1,2% - O Brasil é o país da fartura, sem guerras, sem catástrofes naturais, com muita fartura;

0,6% - O Brasil é o país da democracia racial, lá não existe preconceito, ou barreiras raciais;

0,6% - Resposta mal definida.

Através destas percepções aqui representadas em frases esteriopadas, podemos perceber como um Brasil idealizado e mítico ainda se relaciona no imaginário popular ao lado de um Brasil amplamente negativo, que vem a justificar a ausência destas pessoas, assim como os planos cada vez mais comuns de longa permanência em terra estrangeira. Se analisarmos a opção que figura em segundo lugar, portanto, que

só perde em termos de comparação ao fato do Brasil ser o país da corrupção, ou mesmo em relação à frase que se posicionou em terceiro lugar, referindo-se ao Brasil como “o melhor país do mundo para se viver”, com um povo fraterno e harmonioso; a imagem do Brasil ainda permanece consagrada como a de um país sem conflitos, sem guerras, onde as pessoas podem viver e de fato vivem em harmonia. Esta imagem, embora permeada de críticas relacionadas às “desgraças” brasileiras enumeradas exaustivamente pelos entrevistados, ainda permanece viva e solidificada na memória de muitos e, apesar de nos parecer incoerente num primeiro momento, reflete no fundo esta mesma condição de ambigüidade vivenciada por cada um destes imigrantes, na qual, ao mesmo tempo em que se ressentem profundamente com relação ao Brasil, da possibilidade que lhes foi tirada de uma vida tranqüila em seu país natal; por mais que neguem, visualizam o Brasil ainda como um lugar de harmonia, liberdade, felicidade, lazer. Talvez, mesmo entre aqueles que mais desgraças apontaram em relação ao Brasil, as recordações de infância, de um local de harmonia, do colo da mãe, da vizinhança, do pé de fruta, remetam estas pessoas (juntamente com as demais que atribuem características positivas ao Brasil), à uma figura harmoniosa, colorida, cheia de vida, do imaginário coletivo que permeia a idéia de um Brasil ingênuo, ainda bastante rural, um lugar único, imaginado talvez, mas com cores únicas, com vida própria, com casinhas pobres mas alegres, a “nossa casa”, o “nosso lar”, a “nossa gente”. Neste sentido, o Brasil, representado aqui por tantos aspectos positivos, como as festas, alegria do povo, confraternização e amizade, ao lado de um Brasil nojento, corrupto, ladrão, insensível e desigual, representa

sim, mais do que meros esteriótipos construídos, a poética singela e profunda de uma música de Chico Buarque e Vinícius de Moraes, como a alegria que não tem onde encostar.

*“São casas simples, com cadeiras na calçada,
E na fachada escrito em cima que é um lar.
Pela varanda, flores tristes e baldias
Como a alegria que não tem onde encostar,
E aí me dá uma tristeza no meu peito,
Feito um despeito de eu não ter como lutar.
E eu que não creio peço a Deus por minha gente,
É gente humilde, que vontade de chorar.”*

Talvez essa seja, no fundo no fundo, a saudade que algum dia, admitindo ou não, todo migrante sente de seu lar. E que nem todo o “melhor salário do mundo” pode compensar. Ou, como disse-me uma de minhas entrevistadas, que ao final do preenchimento do questionário e da longa entrevista oral que fizemos, depois de percorridas milhares de reclamações e insultos raivosos descritos sobre seu país, me olha com os olhos cheios de lágrimas, e apenas sussurra: “Eu bem que poderia não estar aqui, né bem?”

Adriana Capuano de Oliveira é Prof^a. do curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Franca e Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Migrações Internacionais - GEMIGRI (Franca/SP).

NOTAS

1 - Sabe-se que o discurso de pessoas que estão sendo entrevistadas em uma pesquisa nem sempre corresponde à verdade integral de seus sentimentos.

2 - A respeito da metodologia de recolhimento destes dados, número de pessoas entrevistadas, e da própria pesquisa em si, ver: Oliveira, 2004.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERISTAT – Migration: Immigrant Magnets, Population Reference Bureau and Social Science Data Analyses Network, www.ameristat.org/migration/immigrant_magnets/concentration/newresidents.html

AMERISTAT – Race and Ethnicity in the Census: 1860 to 2000, Population Reference Bureau and Social Science Data Analyses Network, www.ameristat.org/raceethnic/census.htm

CENSUS – Population Estimatives for States by Race and Hispanic Origin, U.S. Census Bureau, Washington DC, July 1, 1999.

GOZA, Franklin
(1994) “Brazilian Immigration to North America”. *International Migration Review*, nº 1, Volume XXVIII, Spring.

HALL, Stuart
(1996) “Identidade Cultural e Diáspora”. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 24.

MARGOLIS, Maxine L.
(1994) *Little Brazil: Imigrantes Brasileiros em Nova York*. Campinas, Papirus Editora.

MARTES, Ana Cristina Braga
(2000) *Brasileiros nos Estados Unidos: Um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo, Editora Paz e Terra.

O ESTADO DE SÃO PAULO
(1997) “Caem remessas de residentes no exterior” (por Pedro Luiz Rodrigues), 28 de dezembro.

OLIVEIRA, Adriana Capuano de
(2004) *Bienvenido a Miami: a inserção dos imigrantes brasileiros através da América Latina dos Estados Unidos*. Tese de doutoramento apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas IFCH/UNICAMP, Campinas.

REVISTA VEJA
(1996) “A Miami do Brasil: A Flórida é a nova fronteira dos brasileiros, que já são 200.000 e faturam 5 bilhões por ano” (matéria especial – com apêndices), São Paulo, Editora Abril, 17 de julho.

REVISTA VEJA
(2001) “Eles fogem da bagunça”. São Paulo, Editora Abril, 18 de julho.

REVISTA VEJA
(2002) “A fuga dourada: Em busca de segurança, ricos latinos fazem a festa das imobiliárias de Miami”. São Paulo, Editora Abril, 23 de outubro.